



## A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA NO CONTEXTO ESCOLAR SOB UMA PERSPECTIVA CRÍTICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Laíne Louise Carvalho de Almeida <sup>1</sup>

Danilo Azevedo Cruz <sup>2</sup>

Betânia Maria Oliveira de Amorim <sup>3</sup>

### RESUMO

A escola é um espaço de grandes desafios e consiste em uma das instituições mais importantes da sociedade, constituindo um ambiente onde diversos profissionais podem atuar em conjunto com a comunidade escolar. Desse modo, a inserção do psicólogo nesse contexto é permeada por dilemas inerentes à profissão e ao desempenho das atividades na escola, podendo resultar em práticas positivas e fortalecedoras do processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, o presente trabalho consiste em um relato de experiência na modalidade crítica das atividades de estágio supervisionado do curso de Psicologia em uma escola municipal de ensino fundamental. Buscou-se promover atividades de educação em saúde inseridas no Programa Saúde na Escola (PSE), enfatizando as intervenções voltadas para o eixo do combate ao bullying. Foram realizadas visitas técnicas, diálogos com professores e intervenções com os alunos, utilizando diversos materiais e recursos lúdicos no desenvolvimento das atividades propostas. Foi observada uma ênfase significativa na necessidade da realização de diagnósticos de transtornos mentais como causalidade para as demandas relacionadas às dificuldades de aprendizagem. Ademais, as propostas de temáticas do PSE constituíram como fatores desarticulados e limitantes para a atuação dos estagiários, tendo em vista a importância de considerar a singularidade dos alunos e da comunidade escolar na realização de intervenções. Desse modo, é necessário destacar a importância do profissional da psicologia inserido na escola, presente nos seus diversos ambientes e integrado às dinâmicas relacionais, com o intuito de contribuir para que a escola continue sendo um espaço de desafios e possibilidades.

**Palavras-chave:** Escola, Psicologia educacional, Programa Saúde na Escola e *Bullying*.

### INTRODUÇÃO

“Escola é sobretudo, gente”  
(FREIRE, 2008)

Muito se fala da importância da escola enquanto instituição de ensino e aprendizagem, da sua centralidade no processo formativo e de desenvolvimento, sobretudo, das crianças e dos adolescentes. Contudo, Gadotti (2007), baseado em uma perspectiva freireana, propõe a reflexão da escola como um espaço de relações que extrapola as estruturas físicas do prédio e adquire uma dimensão de constante transformação. Nesse sentido, esse locus tão importante no cenário social torna-se um espaço de debates, descobertas, confrontos, fragilidades,

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [lainelouiscda@gmail.com](mailto:lainelouiscda@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduado pelo Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [daniiloacufcg@gmail.com](mailto:daniiloacufcg@gmail.com);

<sup>3</sup> Professora da Unidade Acadêmica de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Doutora em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. [betania.maria@professor.ufcg.edu.br](mailto:betania.maria@professor.ufcg.edu.br);



crescimentos, de estranhamento e admiração pelo desconhecido. E, atentando para a complexidade das realidades sociais brasileiras, o ambiente escolar também espelha as mazelas existentes, os conceitos, os preconceitos e, considerando a realidade do ensino público, o abandono social.

Segundo dados do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), em 2022, a evasão escolar ainda constitui uma problemática brasileira, tendo em vista que mais de dois milhões de crianças e adolescentes não estão matriculados em instituições de ensino. Vale salientar que, desde as medidas de isolamento provenientes da pandemia da COVID-19, os índices de evasão aumentaram significativamente, principalmente na educação básica.

Ademais, de acordo com Sacramento (2021) em um estudo realizado com 637 estudantes entre 6 e 16 anos e suas respectivas famílias, 54,63% se encontram em insegurança alimentar e nutricional e a maior parte dos alunos afirmaram consumir a alimentação fornecida pela escola de três a cinco vezes por semana. Dessa forma, torna-se evidente o papel de proteção social exercido pela escola na garantia de direitos dos estudantes e, conseqüentemente, das suas famílias, impactando conseqüentemente diversas esferas sociais.

Nesse sentido, a Psicologia Educacional é desafiada diante da crítica aos chamados saberes e práticas tradicionais, bem como às novas questões educacionais. Os psicólogos que trabalham neste campo deparam-se com conflitos sociopolíticos e lidam com um legado difícil, com todos os questionamentos e influências decorrentes de inúmeras práticas que marcam as escolas e o trabalho dos profissionais de psicologia na educação, ainda centrado pela perspectiva clínica de trabalho (HENNIGEN, 2011).

Sob esse ponto de vista, a realização do componente curricular obrigatório do Estágio Básico I em Psicologia Educacional baseia-se na importância de desmistificar as questões relacionadas ao campo de atuação, além de compreender um momento de grande relevância na formação acadêmica/profissional dos estudantes mediante o enfoque da práxis e o contato com os dilemas profissionais vivenciados, conforme explicita o parecer número 21, de 2001, do Conselho Nacional de Educação, definindo o Estágio Curricular como:

[...] um tempo de aprendizagem que, através de um período de permanência, alguém se demora em algum lugar ou ofício para aprender a prática do mesmo e depois poder exercer uma profissão ou ofício [...] é o momento de efetivar um processo de ensino - aprendizagem que, tornar-se-á concreto e autônomo quando o da profissionalização deste estagiário (CNE, n. 21/ 2001).

Portanto, é evidente a importância dessa atividade, tendo em vista as repercussões e os benefícios propiciados para a melhoria das dinâmicas escolares, do ensino e, principalmente, a



experiência da atuação em campo pelos estagiários. Além disso, a sociedade é especialmente beneficiada ao contribuir para o processo formativo dos futuros profissionais egressos da graduação e que irão exercer a função de psicólogo na comunidade e nos inúmeros serviços e espaços sociais (BIANCHI et al.,1998).

Dessa forma, o objetivo do trabalho desenvolvido consistiu na inserção dos discentes em Psicologia, no decorrer das atividades do Estágio Básico obrigatório, no espaço escolar, promovendo atividades pautadas no lastro teórico da psicologia educacional e em interface com a promoção da saúde no contexto da educação básica, enfatizando as intervenções voltadas para o eixo do combate ao *bullying* inserido no Programa Saúde na Escola (PSE).

## **O PROGRAMA SAÚDE NA ESCOLA**

O Programa Saúde na Escola (PSE), instituído em todo o território nacional mediante a promulgação do Decreto n.º 6.286, de 5 de dezembro de 2007, consiste em promover a articulação da rede pública de ensino da educação básica com os dispositivos da Rede de Atenção à Saúde (RAS). Dessa forma, ações de ordem intersetorial das áreas da Saúde e da Educação são inseridas no projeto pedagógico escolar, considerando as vulnerabilidades, especificidades e demandas advindas do contexto escolar (BRASIL, 2021).

As ações propostas para o PSE no ciclo 2021/2022 contemplam 12 (doze) eixos temáticos, viabilizando intervenções multiprofissionais intrinsecamente relacionadas ao princípio da integralidade do Sistema Único de Saúde (SUS), considerando as múltiplas dimensões envolvidas na assistência à saúde (atividades de promoção, prevenção, tratamento e reabilitação) e na vinculação das ações do SUS com outras políticas públicas (BRASIL, 2021; BRASIL 1990).

Conforme Casemiro, Fonseca e Secco (2014), a escola enquanto instituição de ensino representa um espaço de possibilidades para o desenvolvimento de atividades de educação em saúde, promoção de diálogos e debates, além de cuidados voltados para a promoção e a prevenção. Ademais, os autores enfatizam a importância de abordagens intersetoriais entre as áreas envolvidas, considerando o contexto de desigualdade e vulnerabilidades existentes no cenário latino-americano.

É importante salientar que o ambiente escolar, como espaço de diálogo, possibilita a realização de debates entre temáticas próprias da área da saúde e os diversos determinantes sociais existentes, viabilizando operacionalização de ações contextualizadas às necessidades identificadas e demandadas pela comunidade escolar (TAVARES; ROCHA, 2006). Além disso, a inserção das pautas da educação em saúde na escola oportuniza o diálogo com as

famílias, a comunidade e o território, favorecendo mudanças e ações de dimensões micro e macroestruturais na sociedade.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho consiste em um relato de experiência na modalidade crítica acerca das atividades relativas ao componente curricular obrigatório de estágio básico do curso de Psicologia, realizadas em âmbito escolar (MUSSI; FLORES; ALMEIDA, 2021).

A atuação dos discentes foi realizada em uma instituição municipal de Ensino Fundamental e Centro Educacional de Atividades Integradas (CEAI) no estado da Paraíba. A estrutura física da escola possuía diversos espaços para realização de atividades como auditório, quadra de esportes, biblioteca, salas de aula, sala de psicologia e sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Dessa forma, o estágio em Psicologia consistiu no desenvolvimento de atividades de intervenção, orientação e supervisão. Os encontros aconteceram no ambiente escolar no decorrer do mês de novembro de 2022, com visitas técnicas, diálogo com professores e funcionários, observações na sala de aula e intervenções realizadas em diversos ambientes da instituição. O público alvo das ações interventivas foram alunos do 4º e 5º ano do ensino fundamental, com uma média de 30 alunos por turma.

As propostas desenvolvidas tiveram como base o PSE, com atividades voltadas para as ações da temática “Promoção da cultura de paz e direitos humanos”, versando sobre abordagens educativas para a promoção da tolerância, da diversidade, de espaços de diálogo e o combate ao *bullying*. Para a realização das atividades foram utilizados diversos materiais para ações individuais e em grupo como revistas, cartolinas, bambolês, bolas, cones e jogos. A partir da variedade de recursos foram propostas dinâmicas majoritariamente grupais, realizadas em espaços fora da sala de aula e que mobilizassem relações intergrupais, como demonstra a tabela a seguir com a descrição das atividades realizadas (Tabela 1):

DATA	ATIVIDADE	DESCRIÇÃO
01/11/2022	Reunião com a coordenação da escola	Alinhamento com a coordenação acerca dos horários e das atividades a serem desenvolvidas.
01/11/2022	Visita Técnica	Apresentação ao corpo docente e discente, observação do ambiente e das atividades. Escuta dos profissionais da escola.

04/11/2022	Visita Técnica	Observação das atividades escolares, escuta dos profissionais da escola e observação na sala de aula.
08/11/2022	Visita Técnica	Observação em sala de aula e participação de atividades grupais com a turma do 5º ano.
11/11/2022	Visita Técnica e intervenção com a turma do 4º ano	Integração com os alunos do 4º ano e o desenvolvimento de atividades colaborativas e em grupo com a utilização de recursos: bambolê, papel, lápis de colorir e cones
18/11/2022	Intervenção com as turmas do 4º e 5º ano	Integração com a turma do 5º ano utilizando diversos materiais: bambolê, papel, lápis de colorir e cones. Discussão com a turma do 4º ano sobre o filme “Sing - Quem canta seus males espanta” trabalhado em sala, sob a perspectiva de trabalhar as diferenças existentes entre os personagens para entrar na temática do <i>bullying</i> . Desenvolvimento de desenhos em cartolina sobre os personagens do filme e suas características.
22/11/2022	Intervenção com as turmas do 4º e 5º ano	Atividade de corte e colagem com as turmas do 4º e 5º ano sobre a temática do <i>bullying</i> , seguida de discussão com a utilização de palavras estímulo e de um dado de cores.
25/11/2022	Intervenção com as turmas de 4º e 5º ano	Atividade sobre a temática do <i>bullying</i> e estímulos para realização de atividades em grupo através de um circuito na quadra de esportes da escola com a utilização de cones, bolas e bambolê. Acolhimento e conversa com alunos do 4º ano, em virtude do afastamento da professora da turma.
29/11/2022	Intervenção com as turmas de 4º e 5º ano	Execução de uma dobradura de passarinho, seguida de uma roda de conversa sobre despedidas, conclusão de ciclos da vida e a importância de novas experiências.

**Tabela 1. Atividades desenvolvidas com as turmas do 4º e 5º ano**

Em relação aos aspectos éticos, o Termo de Compromisso de Estágio Obrigatório (TCE) foi assinado pelos representantes e coordenadores institucionais, viabilizando a realização das intervenções no ambiente escolar. Cabe ressaltar a garantia e o respeito à proteção e à preservação da identidade dos participantes envolvidos no decorrer das atividades do estágio.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**



Conforme Santos et al. (2017), o psicólogo escolar quando inserido nesse ambiente deve atuar na identificação, investigação e compreensão das demandas advindas do espaço e as suas múltiplas causalidades, possibilitando, assim, a execução de intervenções. Todavia, segundo os autores, quando há falta de conhecimento sobre a prática do psicólogo educacional podem surgir dificuldades na execução das funções do psicólogo e na articulação com os demais profissionais, impactando também as atividades desenvolvidas pelos estagiários de Psicologia. Assim, havendo realidades distintas com diferentes cenários, como os escolares, conhecer os procedimentos corretos a serem empregados contribuem para o aperfeiçoamento da psicologia na escola e, conseqüentemente, valorizando e viabilizando a realização do estágio.

As nossas atividades tiveram início com observações de comportamento nas salas, numa perspectiva individual e de grupo, embora, inicialmente, as crianças se sentissem um pouco intimidadas pela nossa presença. Mas, com o passar do tempo, vínculos foram formados e elas passaram a demonstrar mais comportamentos participativos e receptivos. No âmbito da sala de aula, os alunos apresentaram condutas compatíveis às etapas de desenvolvimento vivenciadas, realizaram as atividades e intervenções propostas, tiraram dúvidas e fizeram questionamentos, interagindo com os colegas e membros da comunidade escolar em diversos momentos.

Um aspecto demasiadamente evidenciado a partir das observações realizadas e das evocações dos alunos, foram as demandas relacionadas ao ambiente físico da escola e a realização de atividades lúdicas e pedagógicas com a utilização de recursos diversos adequados ao processo de desenvolvimento. Notamos que estas circunstâncias eram provenientes do pouco e restrito espaço lúdico extraclasse para um público do Ensino Fundamental I, bem como a ausência de atividades que trabalhassem a perspectiva simbólica e recreativa, fazendo-se interessante elucidar que o incentivo à promoção de atividades e momentos lúdicos propicia, além de consistir em um facilitador da aprendizagem, potencializa aspectos do desenvolvimento intelectual, social e afetivo (GUERREIRO, SOUSA, 2016).

Ademais, embora a escuta clínica seja um atributo constitutivo do exercício profissional, acreditamos que o psicólogo precisa estar envolvido com a instituição escolar em sua totalidade, observando e intervindo junto a todos os agentes que permeiam a vida escolar, como alunos, professores, famílias, comunidades, funcionários, etc. Sendo assim, no decorrer da elaboração deste relato de experiência no Estágio Básico I, será apresentada uma perspectiva crítica sobre o papel do psicólogo e as problemáticas que permeiam o ambiente educacional.

### ***O bullying e a sua naturalização no âmbito escolar***



O *bullying* é caracterizado por ações hostis e violentas, físicas ou psicológicas, que ocorrem nas relações interpessoais, principalmente durante a infância e adolescência (SANTOS; PERKOSKI; KIENEN, 2015). Tendo como base o conhecimento prévio acerca do *bullying*, foram evidenciados alguns casos de violência verbal direcionada entre os alunos e, apesar de ocorrerem de forma isolada e esporadicamente, as agressões eram expressas de maneira explícita, com provocações, xingamentos de uns para com os outros na frente de professores e funcionários, uso de apelidos de teor pejorativo, que são acontecimentos recorrentes e constantemente relatados no cenário escolar.

Contudo, a ocorrência de alguns episódios de constrangimentos públicos, promovidos por membros da comunidade escolar, nos chamou a atenção pela gravidade dos acontecimentos, mas também pela proporção que as práticas de *bullying* permeiam a escola de forma naturalizada e/ou levado como uma brincadeira, não sendo uma problemática que afeta exclusivamente os alunos. Além disso, também percebemos uma excessiva abordagem com ênfases punitivistas e constrangedoras utilizadas como método de correção à infração de regras. Desse modo, os castigos eram demasiadamente aplicados aos alunos com a ausência de espaços para escuta, diálogo e orientações. Vale ressaltar que, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) prevê que métodos pautados em violência física, verbal ou psicológica não devem ser utilizados como recursos disciplinares, além de constituírem uma contradição absurda em uma instituição cujo objetivo é promover a educação e a cidadania dos estudantes como sujeitos de direito.

Outrossim, Francisco e Coimbra (2015) alertam para essa naturalização da violência entre os alunos no ambiente escolar, salientando que o *bullying* não deve ser visto como um fenômeno natural, quando as vítimas tentam camuflar a agressão sofrida, minimizando, deixando de relatar para o professor ou responsável, revidando, por acharem que este tipo de comportamento não passa de uma brincadeira, e que o problema não será resolvido se maiores repercussões.

A partir dessa perspectiva, nossas intervenções foram focadas em atividades lúdicas e de psicomotricidade, realizadas majoritariamente fora da sala de aula, ressaltando a falta dessas atividades extraclasse por parte da escola, em equipe ou dupla, na tentativa de estimular o brincar na infância e a importância do companheirismo, e em algumas vezes uma tentativa de conversa com o intuito de promover reflexões sobre as atitudes com os colegas na escola e fora dela.

## **A patologização da aprendizagem**



Consoante Sisto e Martinelli (2006), as crianças que manifestam dificuldades de aprendizagem são compreendidas como incompetentes, menos confiantes de seus potenciais e com expectativas mínimas de reverter essa situação. Desse modo, isso pode refletir em comportamentos de isolamento, sentimento de incapacidade, dependência, passividade e até mesmo submissão, pela ausência de respeito e aceitação. Segundo o relato dos autores, ainda durante a conversa com os professores, eles também relataram os impactos no relacionamento entre os alunos em sala de aula, em que ocorriam alguns tipos de desentendimento durante as atividades e correções, pelo fato de alguns não acompanharem o ritmo da turma, gerando alguns conflitos. Tassoni (2000) menciona a importância da interação social nos processos de aprendizagem, na aquisição de conhecimentos ao longo da vida, e, principalmente, nos processos de socialização em que a criança fará descobertas e terá contato com a cultura, a natureza, as regras sociais e as dinâmicas relacionais.

Em nossas atividades na escola tornou-se perceptível a recorrência de menções acerca de diagnósticos relacionados às dificuldades de aprendizagem, com referência a diversas categorias presentes no Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Em diversas situações em que a temática era pautada, os professores relataram como conseguiam detectar as dificuldades de aprendizagem dos alunos e como tentavam superar, evidenciando a leitura como o principal momento em que era possível identificar e detectar as dificuldades, mas sempre guiados por um discurso patologizante e de diagnósticos.

Com base nesse cenário, foi possível identificar claramente uma dependência da equipe para com a realização de diagnóstico como balizadores das práticas escolares e uma representação direta entre a ideia de dificuldades de aprendizagem e a existência de transtornos, resultando em uma explicação plausível para o suposto atraso na aprendizagem da maioria dos alunos do Ensino Fundamental I. No discurso dos professores também é possível perceber que os alunos são rotineiramente submetidos a diagnósticos, muito deles precocemente, e que contrariam ao que determina a Resolução do Conselho Federal de Psicologia (CFP) nº009/2018 ao estabelecer diretrizes para a realização de avaliações psicológicas, carecendo principalmente de procedimentos técnicos adequados. Além disso, foi observado que a ênfase dada aos diagnósticos resultou em situações de conformidade relacionadas ao desempenho dos alunos, evidenciando o presumido transtorno em detrimento do aluno em desenvolvimento.

É importante ressaltar que a equipe pedagógica viabiliza a realização de algumas práticas com métodos diferentes dos que são aplicados no ensino tradicional, visando facilitar os processos de aprendizagem e a compreensão, como atividades adaptadas que envolviam a ludicidade, o uso de jogos, desenhos, uso de materiais não convencionais em sala para atividades



de arte e leituras dinâmicas para trabalhar o raciocínio e a criatividade. Esses recursos eram principalmente direcionados para os estudantes contemplados pelo Atendimento Educacional Especializado (AEE), um programa ainda em estágio de consolidação na rede municipal de ensino como um serviço da Educação Especial, na perspectiva da educação inclusiva, visando à inclusão de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades/superdotação e assegurando-lhes o acesso e a participação das atividades escolares do ensino regular.

Além disso, o diagnóstico que desconsidera aspectos subjetivos, econômicos, sociais e comunitários, além da própria singularidade da criança e do adolescente no processo de ensino e aprendizagem, representando prejuízos imensuráveis para o aluno e, principalmente, para o sujeito nas principais fases do seu desenvolvimento (DA SILVA; MELLO; SILVA, 2015).

### **Potencialidades e limitações do PSE**

A proposta do PSE consiste em trabalhar temáticas da educação em saúde na escola ao articular as intervenções com as atividades pedagógicas. Nessa perspectiva, o programa tem potencial de conduzir diálogos importantes acerca de temáticas essenciais, que atingem o público estudantil de maneira geral, como a saúde bucal, a promoção da segurança alimentar, prevenção ao uso de drogas lícitas e ilícitas, as discussões sobre prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), direitos sexuais e reprodutivos. A ênfase do PSE está pautada na tentativa de reduzir os fatores de risco para a saúde na população escolar, predominantemente infanto-juvenil, e assim atenuar alguns processos de adoecimento.

Contudo, percebemos que as ações do PSE ocorrem de maneira pontual e isolada das demais atividades escolares no decorrer do ano letivo, além de profundamente desarticuladas com as propostas pedagógicas previstas. Dessa forma, a integração entre os profissionais da educação e da saúde torna-se inviável, assim como a efetivação das propostas. Ademais, a apresentação das ações e a realização das intervenções ainda são direcionadas por um discurso informativo, verticalizado, medicalizante e desvinculado do conteúdo previsto no currículo escolar (LOPES; NOGUEIRA; ROCHA, 2018). Assim sendo, é imprescindível que as abordagens efetivem uma atuação intersetorial com os profissionais articulados, sendo necessário conduzir as intervenções sob a perspectiva da educação permanente, utilizando recursos variados e metodologias ativas e favorecendo o protagonismo da comunidade escolar nos desdobramentos do PSE.

Além disso, outro fator limitante do programa, sob a compreensão da perspectiva da psicologia, é a delimitação das intervenções elencadas e determinadas no documento orientador, restringindo o nosso desempenho enquanto estagiários a temáticas pré-estabelecidas



e descontextualizadas das demandas emanadas pelas turmas e pelo corpo docente. Nesse sentido, Paulo Freire, ao escrever sobre as práticas de opressão adotadas pela concepção bancária de educação, elucida que os estudantes não participam dos processos de decisão e nem são reconhecidos como sujeitos de saber, adotando posturas passivas frente à aprendizagem (FREIRE, 1977). Dessa forma, a metodologia dialógica freireana propõe uma abordagem em que o protagonismo e a autonomia são aspectos evidenciados, além de enfatizar que por meio da educação libertadora e, portanto, problematizadora, os sujeitos se educam entre si através da ação e reflexão do mundo que os rodeia.

Sendo assim, é perceptível que há fragilidades no PSE quanto a imposição de temáticas desvinculadas do que a comunidade escolar compreende como demandas, contribuindo para discursos e ações verticalizados e distantes do contexto educacional e social dos alunos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Podemos aqui evidenciar o propósito de se realizar um estágio em Psicologia Educacional em uma perspectiva crítica, considerando os desafios de se efetuar uma intervenção em meio a uma escola municipal da rede pública e um sistema educacional competitivo, desigual e excludente, sobretudo quando devemos nos reinventar diariamente. A presença de forças opostas e desafios são recorrentes e inevitáveis, como as limitações em relação ao tempo de atuação do estágio, a desarticulação com as atividades escolares previstas e a restrição de temáticas abordadas.

Todavia, no transcorrer das atividades, percebemos que o nosso cotidiano inserido na dinâmica escolar era permeado de expectativas, de medos, ansiedades, inúmeras perguntas e dúvidas, que a princípio não tinham respostas bem determinadas. Mas ao longo do processo, a vivência com os estudantes, com os professores e com toda comunidade escolar, os receios foram atenuados, os dilemas vão aumentando ao passo que fomos adquirindo autoconfiança em um processo de autorização enquanto estudantes de psicologia e futuros profissionais, buscando sempre tomar as melhores decisões e norteando as nossas condutas pelos princípios éticos

Consideramos também a necessidade de promover a ampliação do processo formativo das crianças em escolarização e a transformação social dos diferentes agentes sociais envolvidos com a escola e a comunidade em seu entorno. Buscando a atuação em rede, articulada aos serviços e dispositivos públicos através de investimentos, execução de projetos e programas intersetoriais como o PSE, considerando o protagonismo e a autonomia dos estudantes e funcionários da escola.



Portanto, acreditamos que não encontramos apenas percalços no decorrer das nossas atividades, mas demasiadas possibilidades em cada contato com os alunos e funcionários da escola, em uma incessante reafirmação de que cabe também ao profissional e/ou estagiários, buscarem reencontrar constantemente uma primazia permanente de aprendizado.

Sendo assim, inicialmente afirmamos que a escola consiste em um espaço onde as mazelas surgem de forma potencializada, contudo, também percebemos que, acima de tudo, constitui um espaço de transformação e, como afirma Paulo Freire, a escola sendo sobretudo a pessoas que a concretizam, torna-se também o espaço de possibilidades e esperança.

## REFERÊNCIAS

BIANCHI, A. C. M., et al. **Orientações para o Estágio em Licenciatura**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

BRASIL. Casa Civil. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União, 1990.

BRASIL. **Lei nº 8.080/90**. Brasília: Diário Oficial da União, 1990.

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação. Parecer nº 21/2001**. Dispõe sobre a duração e carga horária dos cursos de Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007**. Institui o Programa Saúde na Escola - PSE, e dá outras providências. Brasília: DOU, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Documento Orientador: Indicadores e Padrões de Avaliação – PSE Ciclo 2021/2022**. Brasília, 2021.

CASEMIRO, J.P.; FONSECA, A.B.C.; SECCO, F.V.M. **Promover saúde na escola: reflexões a partir de uma revisão sobre saúde escolar na América Latina**. *Ciência & saúde coletiva*, v. 19, p. 829-840, 2014.

COELHO, L.; PISONI, S. **Vygotsky: sua teoria e a influência na educação**. *Revista e Ped. FACOS/CNEC Osório Vol.2 – Nº1 – AGO/2012*

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução CFP n. 009/2018**. Estabelece diretrizes para a realização de Avaliação Psicológica no exercício profissional da psicóloga e do psicólogo, regulamenta o Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos - SATEPSI. Brasília, 25 de março de 1999.

DA SILVA, D.R.Q.; MELLO, M.M.; SILVA, T.J. **Reflexões sobre os impasses do diagnóstico psicológico de uma criança na clínica e na escola**. *Educação, Ciência e Cultura*, v. 20, n. 2, p. 151-166, 2015.

FRANCISCO, M. V., & Coimbra, R. M. **Análise do bullying escolar sob o enfoque da psicologia histórico-cultural**. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 20(3), pp.184-195, 2015.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.



FREIRE, P. **Poema: A escola é.** In: CAO/INF. Centro de Apoio Operacional da Infância e Juventude. Educação legal e real. Ministério Público do Estado de Rondônia. [s.l.]: SEGRAF – Seção Gráfica/MP, 2008.

GADOTTI, M. **A escola e o professor:** Paulo Freire e a paixão de ensinar. 2007.

GUERREIRO, C.A.E.S.; SOUSA, M.J.R. **As atividades lúdicas e sua importância no processo de ensino-aprendizagem.** 1. ° Encontro Internacional de Formação na Docência (INCTE): livro de atas, p. 263-270, 2016.

HENNIGEN, I. **Psicologia em instituições escolares: impasses, possibilidades.** Psicol. educ., São Paulo, n. 33, dez. 2011.

LOPES, I.E.; NOGUEIRA, J.A.D.; ROCHA, D.G. **Eixos de ação do Programa Saúde na Escola e Promoção da Saúde:** revisão integrativa. Saúde em Debate, v. 42, p. 773-789, 2018.

MUSSI, R.F.F.; FLORES, F.F.; ALMEIDA, C.B. **Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico.** Revista práxis educacional, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

SACRAMENTO, M.I.S. **A (in)segurança alimentar e nutricional e a sua relação com o consumo alimentar de escolares de municípios da Baixada Santista. 2021.** 42f. Trabalho de conclusão de curso de graduação (Nutrição) - Instituto de Saúde e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo, Santos, 2021

SANTOS, M. M., PERKOSKI, I. R.; KIENEN, N. **Bullying: atitudes, consequências e medidas preventivas na percepção de professores e alunos do ensino fundamental.** Temas em Psicologia, vol. 23(4), pp.1017-1033, 2015.

SISTO, F.F.; MARTINELLI, S.C. **Afetividade e dificuldades de aprendizagem:** uma abordagem psicopedagógica. São Paulo: Vetor, 2006.

TASSONI, E.C.M. **Afetividade e aprendizagem:** a relação professor-aluno. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 23., 2000, Caxambu. Anais... Caxambu: ANPEd, 2000.

TAVARES, M.F.L.; ROCHA, R.M. **Promoção da Saúde e a Prática de Atividade Física em Escolas de Manguinhos – Rio de Janeiro.** In: Ministério da Saúde. Escolas promotoras de saúde: experiências do Brasil. Brasília: Ministério da Saúde/Organização Pan-Americana da Saúde, n. 6, 2006.